

Centro Feminista de Estudos e Assessoria
Curso de Extensão: Mulheres, Corpos e Memórias
Construindo Comunidades e Resistências

Trabalho de Conclusão de Curso

Aluna: Maria Helena Diniz

Pirapora – Minas Gerais

Como trabalho final, escolhi escrever uma carta para outras avós pretas e de todas as cores para registrar e compartilhar a experiência de conviver com o racismo e como criar resistências no núcleo familiar, na comunidade local e no espaço escolar.

Ora e reviva todas as avós,

Meu abraço negro.

“E a cada batida do coração de Vó Rita nasciam os homens.

Todos os homens: negros, brancos, azuis, amarelos, cor de rosa, descoloridos...

Do coração enorme, grande de Vó Rita, nascia a humanidade inteira”

(Conceição Evaristo – Becos da Memória)

Eu, Maria Helena – Lena, sou avó de um menino de 9 anos.

Lindo, inteligente, alegre (todas as avós veem seu neto assim).

Tem olhos pretinhos como jaboticabas. A pele negra retinta.

E o meu deslumbramento!!! Estou com 74 anos. Minhas pernas não estão fortes para brincar de pique-esconde. Meus braços têm força para o abraço e o acolhimento.

Eu nasci e cresci na cidade de Pirapora, norte de Minas.

Minha cidade tem uma população predominantemente preta. Com o vapor vindo do Nordeste e do “trem de ferro” vindo do sul, formou-se uma cidade múltipla, com suas diversidades.

Respeitava essa gente não pela cor da sua pele, do seu sotaque ou pela sua cultura, mas por sermos irmãos.

Nas ruas da minha infância, nos banhos de cachoeira no Rio São Francisco, na alegria do nosso carnaval, nos desfiles cívicos, coroação da Santa, na visitação das “Folias de Reis”, das “Pastorinhas”, misturavam-se todas as cores, todos os cantos, todos os sabores na mesa posta. Não havia para mim diferenças do preto, branco, indígenas (no início aqui habitavam os Cariris). Era uma criança, uma jovem, vivendo com todos e todas a alegria de viver.

Não me reconhecia uma mulher preta, ou melhor, uma criança, adolescente preta. Com o tempo, a rua da minha infância foi ficando distante de mim. Professora e com formação em História, com muito orgulho, me reconheci como mulher preta.

Entendi as dores dos meus antepassados! Os sofrimentos desumanos e injustos dos escravizados. A luta e a força do povo preto. A sociedade é ainda muito racista. Lembremos do que ocorreu com o jovem jogador Vinícius Júnior na Espanha e com duas crianças pobres e pretas receberam de presente de duas mulheres (mãe e filho) que se dizem “influencers digitais” uma banana e um macaco de pelúcia.

É necessário estarmos comprometidos com o fazer crescer ainda mais, de mãos dadas esta luta. Que nossos representantes eleitos possam fazer valer a garantia constitucional, que ninguém possa ser discriminado em razão da sua raça, religião, origem, gênero.

Na minha caminhada no Movimento do Graal no Brasil, enquanto mulher preta, quero beber do “cálice” do amor, da humanidade, do respeito, da igualdade e equidade. Quero beber pelos meus antepassados, pelo meu neto preto e por todas e cada criança preta. Meu olhar e pensamentos para a esperança de nos reconhecemos um no outro.

A filósofa e escritora Djamilia Ribeiro nos diz que quem quer combater o racismo, tem que começar na família. E o papel dos pais na educação de seus filhos é preciso ter ação antirracista. E nós, avós de netos pretos temos de ter uma atuação e atenção nos primeiros anos de escola de nossas crianças, discutindo atos e situações racistas. Podemos promover nas escolas, nas igrejas, nos bairros, encontros, estudos, ações pela luta da igualdade racial e antirracista. Poderemos criar atividades como roda de conversa sobre o tema, audiovisuais, palestras, troca de experiências, encontro com profissionais especializados nas leis e direitos das crianças e adolescentes. É importante termos pautas afirmativas, atitudes assertivas.

Todas(os) nós estamos desafiados a pensar diferentes maneiras de ser antirracista. O esforço interno e o engajamento de cada um de nós individualmente e também coletivo, mudam mentes e salvam vidas.

Repetirei quantas vezes forem necessárias: “Não basta não ser racista. É preciso ser antirracista!”

Meu abraço amoroso e cheio de Axé!

Lena Diniz

Agradecimentos:

Essa carta foi construída com o apoio do coletivo de minha família e de uma companheira do Graal:

Regina trouxe sua poesia, Lí o saber pedagógico e Diacuí o saber tecnológico.

E da querida Ivanete, recebi o cuidado de ordenar e corrigir o texto.

Muito obrigada!

Lena Diniz